DIRCE TRAINOTI RESUMO Instituído como uma pesquisa diária, como um trabalho rico e que acima de tudo é parte integradora de minha atuação pedagógica durante 10 anos de minha vida. Muitos trabalhos foram desenvolvidos, acima de tudo com muita seriedade e sabedoria. Tenho como a menina de meus olhos a inclusão, as diferentes formas de inclusão. Este artigo tem como tema a Inclusão de Pessoas com Necessidades Intelectuais Especiais no Ensino Regular: aspectos relevantes sobre a metodologia e a avaliação como ferramenta no ensino. O trabalho abrange a formação intelectual e social das pessoas com necessidades intelectuais especiais e a atuação do profissional em sala de aula. As diferentes formas de atuação deste profissional diante da adaptação curricular, da forma de integração desse aluno em sala de aula e os aspectos mais relevantes para que o processo de inclusão aconteça. Sua delimitação é o estudo dos instrumentos didáticos e avaliativos utilizados pelos professores do ensino regular. Acredito que este trabalho venha para somar e fazer com que profissionais realmente comprometidos com a educação especial, sintam e descubram formas prazerosas de educar, educar para vida, educar para o amor, educar para uma sociedade complexa, cheia de “pré – conceitos” estabelecidos, diante de estruturas culturais.
Palavras chave: Adaptação Curricular/ Formação Docente/ Avaliação.

SUMMARY

Established as a search daily, as a work rich and above all that is part of my inclusive educational activities for 10 years of my life. Many works have been developed, above all with great seriousness and wisdom. I like the girl of my eyes the inclusion, the different forms of inclusion, and it is for this and many other reasons that this work will make a point of support to my readers. This article is addressing the Inclusion of Persons with Special Needs in Education Regular Intellectuals: relevant aspects concerning the methodology and evaluation as a tool in teaching. The work covers training intellectual and social needs of people with special intellectual and professional performance in the classroom. The different forms of action before the adaptation of this professional curriculum, the way of integration of that student in the classroom and the issues most relevant to the process of inclusion happen. His definition is the study of teaching and assessment tools used by teachers in regular education. I believe that this work will add to and that professionals really committed to special education, pleasant feel and find ways to educate, educate for life, to educate the love, to educate a complex society, full of "pre - concepts" established , Before cultural infrastructure.

Key words: Adaptation Curriculum / Teacher Training / Evaluation. **Introdução** O artigo a seguir tem como principal objetivo mostrar algumas das muitas formas de se estabelecer vínculos afetivos com pessoas com necessidades intelectuais especiais, em seus diferentes aspectos. Parte dessa socialização, da verdadeira integração aluno/escola, nos mostra que não é apenas o educando com deficiência ou não, que deve adaptar-se ao sistema de ensino, e sim a *esc ola é que tem o dever* de atender as necessidades da criança, para a sua real participação e sua inclusão em sala de aula e fora dela.

As escolas inclusivas devem reconhecer as diversas necessidades dos alunos e dar a cada um, respostas, através do currículo apropriado, modificações nas estruturas escolares, estratégias de ensino diferenciadas, usam de recursos e parcerias.

O trabalho abaixo visa apresentar alternativas nas mais diferentes formas de adaptação curricular, na adaptação do aluno/ professor e vice versa. A proposta é levar o leitor a reflexão mais profunda da sua atuação em sala de aula, como será? E a sua formação como foi? Será que a educação de hoje, a formação propriamente dita nos dá subsídios, dos mais banais, para que possamos integrar um aluno especial em sala de aula? Ou será que diante de tudo ,de mãos atadas, onde condenados a tal situação não temos a intenção maior , que é a da formação continuada, a busca pelo novo, para tentar fazer a inclusão, tentar colocar em prática as questões mais simples de cidadania..

Tal pergunta ficará a você leitor como forma maior de reflexão. Absoluta reflexão da sua prática em sala de aula. Será que diante de uma sociedade, que busca incessantemente o capital, teríamos tempo ou vocação para buscar o respeito mutuo?

Por muitas vezes em minha prática tive que falar da inclusão dentro dos manuais legislativos para poder ser entendida e me fazer entender. Mas retomando está ai e deverá ser atendida e compreendida pelo sistema. Pela sociedade e pelas metodologias de ensino que temos a mercê das estruturas educacionais. Este trabalho vem para muito enriquecer, abrir os horizontes de quem o ler e poder sem duvida alguma fazer parte do processo de metodologia inclusiva.

MUDANÇA DE PARADIGMAS: deficiência intelectual, mudança de nomenclatura.

Faz parte de meu trabalho apresentar a mudança de nomenclatura que me faz hoje como educadora fazer a substituição da antiga deficiência mental pela deficiência intelectual. Com isso posso ainda mais trabalhar em busca de uma inclusão digna, voltada a uma sociedade preconceituosa, com valores voltados a estereotipo personalizados. Infelizmente ainda hoje trabalhamos com uma “inclusão” literalmente entre aspas.

A mudança de nomenclatura traz uma nova visão para as pessoas ditas normais, pensarem em diferenças intelectuais. Visando principalmente uma maior igualdade de valores sociais.

A nova terminologia começou a ser utilizada por uma decisão INTERNACIONAL ligada a movimento gerado pela declaração de Montreal sobre os DIREITOS DAS PESSOAS COM DEFICIENCIA INTELECTUAL, de 2004, ocorrida em Montreal, CANADÁ, e cuja versão para o português o então Dr. Jorge Marcio Pereira de Andrade – do defnet Campinas SP, traduziu, começando a difundi-la na sociedade.

A declaração de Montreal começou a entrar em vigor em 2004, para que pessoas com necessidades intelectuais especiais pudessem gozar de seus direitos como os demais seres humanos, visando a diminuição e a maior compreensão, a não descriminação contra as pessoas com deficiências.

Essa mudança inclui a tomada de decisões sobre os deficientes intelectuais, os quais não participam destas por serem denominados desiguais, passando por abusos, descriminações e exclusão.
A mudança de nomenclatura estabelece à liberdade a igualdade em todos os sentidos da vida, em suas tomadas de decisões em dignidades e direitos estabelecidos pela sociedade.
Em anexo (no final do trabalho ANEXO I) estará a declaração de Montreal sobre a deficiência intelectual de 06 de outubro de 2004, para que os leitores deste trabalho possam estar atualizados em relação às mudanças de paradigmas, sobre a deficiência intelectual.

BREVE HISTÓRICO DA INCLUSÃO.

Muito importante esclarecer que quando me refiro a inclusão escolar, não estou falando de modismo ou a uma tendência imediata na educação. A educação inclusiva faz parte de um sistema econômico em transformação, condutor da sociedade. A luta pelos direitos de todos se fez emergir na Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948. Em decorrência a luta aos direitos, surgi então na França, na década de 60, a Pedagogia Institucional e a Pedagogia Revolucionária, com isso uma forma nova de ver a educação, com grande influência nos movimentos Freinetiano. Com isso as importâncias dos meios sociais vieram à tona, observando então as condutas dos seres, em relação ao meio e com o meio onde vivem. Já a pedagogia institucional, começou a enxergar a importância do aluno no contexto educacional, mostrando que a forma como ele é visto e trabalhado no meio é de suma importância para que seu desenvolvimento, seja este intenso ou não. *“O movimento de desinstitucionalização manicomial trouxe uma nova forma de ver o tratamento dos doentes mentais e teve influencia decisiva na transformação da cultura nas décadas de 1960 e 1970.”* (“ VOIVODIC, 2004”. p. 22).”
Tornando-se evidente no campo da saúde e migrando para a educação. A educação inclusiva visa analisar o tratamento que vem sendo dado aos deficientes, como forma de aspectos sociais e culturais, não podendo deixar de lado os movimentos de pais de crianças com deficiência realizados ao longo da história, para um reconhecimento por parte do Estado, em dar assistência especializada a seus filhos, os integrando no meio social.
O reconhecimento de seus filhos e a educação especializada se deu inicio nos anos de 1950 e 60 com as então criações das associações especializadas e a inserção de seus filhos no ensino regular, dando inicio ao processo institucional voltado a educação especial.
Já no Brasil a maior influência na educação especial/inclusão se deu através da liga internacional pela inclusão do deficiente mental, que tem origem na Bélgica. No Brasil o início da educação especial se deu nas instituições especializadas, porem em 1950 com influência dos Estados Unidos, inicio-se um movimento pela inclusão de crianças com necessidades intelectuais especiais nas instituições de ensino regular, podendo estes ter o direito de conviver com seus semelhantes, dando origem as salas de recurso.
Ainda não estávamos vivendo uma verdadeira inclusão, mas sim de forma parcial os alunos

ditos especiais estavam no ambiente educacional.

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR X FORMAÇÃO CONTINUADA
:
EDUCAÇÃO E ATUALIDADE BRASILEIRA.

As estruturas históricas da educação, ainda hoje permanecem no cenário educacional. Educação estabelecida por um sistema de ensino em massa, sem qualidade, onde pessoas passam por ele, apenas para um desempenho educacional básico, simples, e não uma condensação de conteúdos de forma crítica, construtiva, investigadora, problematizadora, que parta da realidade local de cada região, aonde venha a suprir os valores culturais de seus educandos.

Paulo Freire já em 1959, enxergava uma educação defasada, que já colocava em risco toda uma sociedade em formação e sem formação, e que estava sendo direcionada às manifestações mais mecânicas na ocasião.

Sendo então desta forma a educação um problema, mas um problema político, político por depender de reformas no sistema. Ao mesmo tempo em que encontrávamos uma educação marcada rumando a falta de estruturas educacionais e deixando seu povo a mercê da educação, Freire já conduzia seus estudos a favor de uma aprendizagem enraizada, tentando organizar o ensino em projetos que poderiam ser realmente projetados, e que evoluíssem de forma definida. Com a industrialização o homem cultural propriamente dito, foi conduzido as formas mais intensas de manifestações, onde os mesmos se rebelavam sem se dar conta que seu senso crítico havia sido retirado, considerando assim, o
direito de não tê-lo diante do sistema estabelecido.

Com isso a criticidade humana poderia ser facilmente ignorada, deixando de lado todas e quaisquer manifestações contrárias, impostas diante à industrialização, assim a uniformização de comportamentos neste aspecto poderia ser positiva se em partes a industrialização tivesse conduzido o homem a um ser participante da sociedade e não reprimido seus atos, diante da passividade comportamental. O sistema de ensino está centrado na inexperiência democrática, é uma questão política e está diretamente ligada a nossa cultura enraizada. A forma de se ensinar, os métodos de ensino, são estabelecidos e direcionados de forma política, o processo acontece de cima para baixo e vem em forma de execução, longe das realidades locais.

Lembro-me de quando ainda educanda no ensino fundamental, sem ter autonomia nem para perguntar aos meus professores sobre o assunto discutido em sala, muito menos de dar minha opinião a respeito do mesmo. Não acontecia o processo, me lembro como se fosse hoje, o professor era mero mediador daquele assunto, não o discutindo nem verificando se ao menos os alunos estavam aprendendo aquilo que estava sendo dado em sala de aula. Não tive uma atividade diferenciada onde eu possa dizer que construí esse ou aquele conhecimento.

Sinto diante de tudo isso um enorme e profundo sentimento de perda, perdas estas que venho ao longo da vida e de muitos esforços, tentando recuperar de forma pequena ainda, mas inteligente, pois é partindo disso que tenho consciência de que preciso agir diante da minha profissão. Sei o que me foi errado, então o diagnóstico está feito! Bom, se diante de um diagnóstico próprio pudesse eu, ter a receita, ou a fórmula mágica da varinha de condão em transformar todo o sistema educacional em um sistema que ainda hoje, parte de conceitos políticos, perdido no tempo e no espaço, e que a assistência dada tanto aos alunos quanto aos professores é mera coincidência de fatos estabelecidos pelo sistema, mexeria então na formação docente acima de tudo.

A formação do professor na minha concepção de educadora é de suma importância, para uma

sociedade rigidamente autoritária, sabia crítica e consistentes em suas afirmações, mas estas estruturas devem ser rigorosas e não facilitadoras de diplomas, um mercado, ou uma forma de comercio.
Como educadora afirmo que o alicerce de toda estrutura humana está embasada na educação, e esta deve ser construída como base definitiva que projeta o educando como cidadão do mundo e para o mundo.
Com tudo, acredito deixar claro o que penso em relação à formação continuada, aos aspectos formativos do cidadão e o que diante de um diploma a sociedade pode e deve esperar como ato recíproco do ser.
Como disse anteriormente, faz parte de minha vivência intelectual e profissional à inclusão, até os dias de hoje me vejo encurralada ainda com muitas situações onde o professor se mostra não capaz de atender aquela ou esta deficiência, por simples falta de utilização do saber, ou seja, falta de formação?
Não, na grande maioria das vezes é por falta de vontade, de achar que “não posso fazer nada mesmo” então o que faço, me acomodo. Acomodar-me é a melhor de todas as alternativas que possam me oferecer diante de tal situação.
O sistema é “bancário” a sociedade é capitalista, nos resta ter consciência que somos todos os frutos desta e que nesta devemos fazer o melhor, buscar o melhor e tentar sem qualquer sombra de duvidas a realização do próximo em todos os níveis de realização do ser. È antes de tudo ter consciência que isso fará parte de sua auto realização.

INCLUSÃO ESCOLAR: INTEGRAÇÃO X INCLUSÃO.

Inclusão é processo gradual e dinâmico que pode tomar formas diferentes de acordo com as necessidades e habilidades dos alunos nesta situação. A união educativo-escolar refere-se ao processo de educar-ensinar, no mesmo grupo, a criança com e sem necessidades intelectuais especiais, durante uma parte ou na totalidade do tempo de permanência na escola. O termo Inclusão tem sido usado com muitos significados. Sabemos que incluir um aluno a um meio social é uma coisa e incluí-lo em ambiente educacional proporcionando a ele a dimensão pedagógica é outra. A integração e a inclusão embora com seus significados semelhantes, são empregadas para expressar situações de inclusão diferentes.

A inclusão trata-se de aspectos cognitivos , de atividades devidamente adaptadas e voltadas totalmente para aprendizagem intelectual do educando, visando acima de tudo sua integração com a educação, direito esse concedido ao aluno. A instituição/escola deverá estar interligada com as instituições de ensino especializadas para que o desenvolvimento intelectual deste educando se concretize com a união de parcerias. As atividades, essas parcerias serão fundamental para que aconteça a aprendizagem, parcerias como: fisioterapia, fonoaudiologia, terapia ocupacional, assistência social (a família) e assistência psicológica (a família e ao educando). Este contexto fará parte da inclusão, a verdadeira iniciação pedagógica do educando no ambiente educacional, este deverá ser com qualidade, para que a inclusão possa ser digna e capaz de desenvolver as especificidades de cada um. Já na Integração as iniciações, o foco principal será a socialização dos educandos, visar às necessidades de se socializar para que posteriormente este possa chegar a um nível onde não rasgue, não coloque na boca objetos, não levante do lugar nos horários de concentração, em fim, são pré-requisitos a serem organizados na vida de cada um, para que possa dar inicio a uma inclusão de qualidade. Visaremos a priori uma organização ambiental, emocional e estrutural, para que posteriormente o processo inclusivo possa ter êxito. Mas para que o processo de inclusão possa acontecer deverão estar amarradas estas informações integração e inclusão, uma não será suficiente se a outra não estiver a caminho. Um critério muito importante que faz parte da integração e da inclusão é a analise destas duas formas de ação. Não poderá ser analisado um educando apenas pelas condições pedagógicas ou apenas sociais, estas deverão estar amarradas, para que o profissional da educação venha a organizar a passagem de um ano para o outro de forma a identificar os dois aspectos desta, e efetuar as mudanças educacionais, visando o desenvolvimento intelectual e a socialização do educando com seus pares. Estar entre seus pares será de suma importância, pois este poderá se submeter ao processo de imitação, uma vez que esteja fora de sua faixa etária, acontecendo assim às regressões e o não avanço emocional e cognitivo. Mais uma vez aponto a adaptação curricular, esta vem para suprir as necessidades cognitivas em uma inclusão voltada para os aspectos sociais.

ADAPTAÇÃO CURRICULAR: AMBIENTE EDUCACIONAL, COMO FAZER ?

Principalmente valorizar a permanência com colegas e grupos que favoreçam o desenvolvimento, comunicação, autonomia e aprendizagem, da criança inclusa. O dar muita atenção para o efeito emocional da promoção ou da retenção para o aluno e sua família, sabendo que a família como alicerce principal neste processo deverá sempre estar preparado para estas situações, tanto nos aspectos

positivos como negativos. As relações de ensino e aprendizagem deverão ser levadas em consideração, uma atuação em conjunto da instituição de ensino será de suma importância para que este educando possa ter seu rendimento e as suas avaliação curriculares, tendo como referência o currículo regular. Sempre em caráter processual, permitindo alterações constantes e graduais nas tomadas de decisão, as relações entre ambiente/aluno e vice-versa deverá ser flexível para que de diversas maneiras seja elaborado e reelaborado sempre que necessário o meio onde este educando incluso esteja inserido.

O tipo de conteúdo e atividade de aprendizagem deve visar principalmente à socialização, à inclusão, a atenção individualizada e a relação conteúdo-capacidade. As organizações de infra-estrutura são muito importantes estas deverão estar voltadas para o atendimento das dificuldades de cada educando em particular, sempre dentro de suas reais necessidades. Visar de forma colaborativa à estrutura da sala de aula, a preparação metodológica de ensino aprendizagem, para que o professor possa de forma adequada trabalhar as especificidades deste educando sempre propondo a ele as adaptações necessárias sem que seu material seja diferente dos das crianças ditas normais. Esta prática simples de adaptação requer uma visão inteligente acima de tudo do profissional que a irá desempenhar. Pois esta deverá ser inclusiva e não exclusiva. O aluno deverá se sentir inserido ao meio, com isso seu material poderá ser o mesmo dos demais alunos, suas atividades as mesmas dos demais alunos, e esta é a única forma de anunciarmos que a inclusão, não visando seus aspectos sociais apenas, mais também os intelectuais, estará sendo feita. A estrutura organizacional, a didática em sala de aula, organização física, tempo flexível e à disposição de imobiliários, deverão ser peças chaves na organização de idéias e na atuação dos profissionais.
A proposta de inclusão torna-se fácil e simples uma vez que o profissional que for desempenhar esta tarefa tenha no mínimo boa vontade. As estruturas educacionais serão facilmente substituídas pelas adaptadas. Abaixo seguem algumas atividades previamente adaptadas para que o profissional da educação possa observar que foram realizadas adaptações ao material didático utilizado em qualquer instituição. Que o material pode sim ser qualquer um, encontrado em qualquer escola, o importante é saber enxergar as facilidades de se adaptar qualquer atividade e em qualquer nível de educacional.

1) A atividade abaixo está direcionada ao nível II ou III do ensino de educação infantil. A proposta foi focada para um aluno dito normal, mas diante da prática inclusiva deveremos direcioná-la para uma possível adaptação.
Fonte: Apostila do Sistema Maxi
de Ensino – Coleção Iluminuras, p.16 nível II.

Trabalhar no concreto, sempre dentro das dificuldades, previamente identificadas pelo professor. O aluno poderá nesta atividade explorar as cores (com tintas, lápis, giz), os números em material de uso manual etc. A adaptação deverá ser realizada sempre dentro do nível intelectual de cada educando. Lembrando sempre que for necessário, uma vez que o mesmo consiga desempenhar as atividades, esta não irá necessitar de adaptações. A atividade proposta é simples e faz parte de um material apostilado. A criança que estiver no processo inclusivo deverá realizar a atividade igualmente como as demais crianças, sem que para ela o professor desenvolva algo em folhas paralelas. Esta prática não é uma prática inclusiva e sim exclusiva. A atividade deverá ser adaptada conforme as necessidades do aluno incluso, poderá ser organizada na carteira do educando com materiais de acessibilidade, a utilização de objetos concretos e letras soltas e grandes para que o educando possa pegar e colocar ou colar no lugar determinado pelo professor previamente. Poderá sem problemas realizar a atividade adaptada para seu nível intelectual, com adaptações simples e fácil de ser direcionada se o profissional da educação souber analisar a necessidade de seu educando.

2) Esta atividade também voltada para alunos da educação infantil, devera sempre ser utilizada para alunos dessa faixa etária. Lembrando que a socialização e o ato pedagógico são formas distintas de inclusão que devem caminhar juntas. Seguir sempre a faixa etária de cada

educando mesclando as intervenções fazem parte do processo. *Fonte: Apostila do Sistema Maxi de Ensino – Coleção Iluminuras, p.24 nível II.*
Uma ótima atividade para trabalhar a questão da higiene, ou apresentar ao educando objetos utilizados para fazê-la. Uma atividade muito interessante seria a descoberta pelo seu próprio corpo. Utilize ferramentas capazes de criar esse efeito no aluno. Esta atividade poderá ser realizada de diversas maneiras, sendo o professor o principal filtro, o condutor para a boa adaptação do conteúdo. Analisar sempre se o educando em questão é capaz de realizar a atividade sem adaptar ou se é necessário fazê-la.
3) Já atividade abaixo poderá sem problemas ser feita na integra, sempre sendo bem explorada pelo profissional da educação. Explorar a família, os animais da figura abaixo, imitação de sons do mesmo...
Fonte: Apostila do Sistema Maxi de Ensino – Coleção Iluminuras, p.5 nível II.
Esta é uma atividade que não precisará ser adaptada, pois é simples e poderá ser conduzida em sala de aula normalmente. O educador deverá aceitar as hipóteses apresentadas pelos educandos. Possíveis adaptações motoras apenas.

4) A atividade abaixo segue em conjunto com paginas 5 e 6 .Esta já esta voltada para 1º e 2º ano do fundamental de 8 e 9 anos.

Fonte: Apostila do Sistema Maxi de Ensino – Coleção Iluminuras, p.5 nível III.

Fonte: Apostila do Sistema Maxi de Ensino – Coleção Iluminuras, p 6 nível III.

Realizar sempre a atividade de forma que fique mais interessante para o aluno. Visar o nível intelectual, organizando o aluno a realizar apenas as atividades compatíveis a seu cognitivo. (esquece letra cursiva) devemos utilizar sempre letra caixa alta, apenas a partir do momento de internalização da alfabetização é que o aluno estará apto a começar o exercício com a letra cursiva.

5) Esta atividade está voltada para alfabetização que pode ser tanto para 1ºano do fundamental de 9 anos como para o nível III pré – escolar. Adaptações simples foram realizadas para uma suposta inclusão. *Fonte: Apostila do Sistema Maxi de Ensino – Coleção Iluminuras, p.9 nível III.Fonte: Apostila do Sistema Maxi de Ensino – Coleção Iluminuras, p.11 nível III.*
A música é sempre bem vinda. Trazer a música para sala de aula, beneficia os demais alunos e faz com que a inclusão possa acontecer. A brincadeira associada à música, faz acontecer principalmente à socialização e aceitação de forma geral.
6) Esta atividade requer um nível intelectual mais alto e também deverá ser adaptada.
Fonte: Apostila do Sistema Maxi de Ensino – Coleção Iluminuras, p.15 nível III.
Poderá ser trabalhada na atividade da pagina 15 os animais, explorar cada um deles, com desenhos, inicio da letra do nome de cada um (tudo irá depender no nível intelectual de cada educando), atividade realizada oralmente para toda sala onde o aluno com necessidades educacionais especiais, possa participar e realizar a mesma da forma como conseguir.
7) Esta atividade está voltada para alunos de 5º ano do ensino fundamental. Quero deixar claro que mesmo sendo esta voltada para uma turma onde o intelectual requer maior conhecimento para ser desenvolvida, deverá ser adaptada como todas as outras atividades. Como já citado acima a inclusão deverá ser feita sempre utilizando o bom senso. Sabemos que os alunos inclusivos crescem como todas as outras crianças ditas normas, então o critério de seleção e avaliação deverá ser realizado sempre levando em consideração a idade cronológica e a idade mental de cada educando. Não podendo de esta forma estar inserindo em uma sala de aula de pré-escola uma criança de 10 anos de idade. Deverá ser levado em consideração, que a adaptação curricular é justamente para fazer com que aconteça o equilíbrio entre estas partes. Uma vez que estamos levando em consideração o equilíbrio intelectual e cronológico, não podendo desta forma correr o risco de uma possível regressão se de fato a inclusão não for feita corretamente.
Fonte: Apostila do Sistema Maxi de Ensino – Coleção Iluminuras, p. 5 nível III.
Estas atividades foram adaptadas de forma simples para que o professor possa refletir e analisar as suas estruturas pedagógicas, com uma percepção positiva para sua atuação em sala de aula. A adaptação curricular é necessária e faz parte do processo de inclusão. Todas as crianças com necessidades intelectuais especiais têm direito a uma inclusão de qualidade e todos os profissionais da educação têm direito a uma formação continuada, para que possa desenvolver suas habilidades voltadas para a educação especial. Estas são apenas algumas de muitas outras atividades que deverão ser adaptadas em sala de aula, para que o educando possa desenvolver as suas potencialidades.

AVALIAÇÕES NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM: QUALITATIVA OU QUANTITATIVA?

A avaliação assume diversas características em função das diferentes teorias aceitas quando se refere ao processo educacional. Partiremos de um pressuposto que ensino e aprendizagem são processos complexos, de natureza própria. De acordo com
Aranha:
“Isto significa que o processo ensino-aprendizagem produzido por uma determinada relação professor-aluno será sempre peculiar e complexo, diferente das características exclusivas do ensinar ou do aprender do professor e aluno envolvidos. Assim, o ensinar só pode ser compreendido, quando analisado à luz da aprendizagem, enquanto que esta, da mesma forma, somente poderá ser entendida quando analisada em suas múltiplas determinações, sendo uma delas, o ensinar ao qual o aprendiz encontra-se submetido.
(ARANHA,1991. p. 11).”
Em função de tal pressuposto é que se toma a avaliação como processo compreensivo, não classificatório, norteador, essencial da prática pedagógica.
Para contextualizar e fundamentar tal posicionamento, entretanto, faz-se necessário detalhar algumas idéias que constituem o meio epistemológico, ou seja, os estudos críticos das ciências, para que se possa estar fundamentando as teorias do conhecimento em que ele se define e desenvolve. Para refletir acerca do tema avaliação, faz-se necessário pensar a educação a partir da sua etimologia. Nas palavras de Libâneo (apud Aranha, 1997, p.?) ”educar em latim, educare, é conduzir de um estado a outro, é modificar numa certa direção o que é suscetível de educação”. No entanto, se for considerado que a educação tem este papel de conduzir a pessoa, de um estado ao outro, logo se evidencia a necessidade de mecanismos para verificar, diagnosticar, identificar o estado em que o indivíduo se encontra. Portanto a avaliação é um instrumento de fundamental importância dentro deste processo de ensino aprendizagem, imaginem então dentro do processo de ensino aprendizagem de uma criança dita especial?
Como instrumento do processo, ela tem se moldado de acordo com os pressupostos teóricos metodológicos de cada período da história da educação, apresentando formas e aspectos diferentes, de acordo com o pensamento vigente, restando a nos profissionais a adequação da mesma no âmbito educacional.
Ao longo da história da educação, diferente abordagem tem sido adotada pelo processo de ensino e aprendizagem e conseqüentemente a avaliação tem sofrido modificações. Uma das abordagens, mais divulgadas e ainda presente no meio educacional é a tradicional, dificultando em muito a linha de pensamento dos profissionais para uma adequação, uma inovação metodológica. No entanto, a abordagem construtivista tem trazido inúmeras colaborações, promovendo mudanças no processo educativo, sendo uma grande luz no fim do túnel em aspectos inclusivos.

AVALIAÇÃO NO PROCESSO DE INCLUSÃO: A DAPTAÇÕES NO PROCESSO AVALIATIVO

Não apenas a avaliação ou os conteúdos devem fazer parte da inclusão o professor deverá acima de tudo estar, preparado, no mínimo com o coração aberto para receber uma criança com necessidades intelectuais especiais. Uma vez que se de abertura para a recepção desta criança/adolescente a inclusão dará certo, ou no mínimo a socialização acontecerá de forma positiva.
A avaliação será um complemento para que o processo tenha um ciclo. Ferramenta básica de

ensino aprendizagem a avaliação mostra-se complexa em ambos os aspectos apresentados. A avaliação tradicional nos mostra a que tradicionalismo marcante ainda culturalmente está preso. Já a avaliação construtivista, indica que saídas temos para fazer ainda melhor o trabalho no processo inclusivo.
Vale ressaltar que como no processo de ensino aprendizagem de crianças ditas normais, a inclusão também requer de aberturas, possibilidades, estímulos, sendo estes partes do processo e muito importante para que o aluno em questão possa sentir-se incluído.
Toda a estrutura avaliativa deverá fazer parte do processo de inclusão. Vimos acima à complexidade de se avaliar, como fazer com que meu educando possa realizar uma avaliação voltada a sua real atuação em sala de aula. Todo profissional da educação deverá ter consciência que, uma vez que eu adapto currículo minha avaliação deverá ser adaptada também. Avaliações voltadas às especificidades de cada educando, relacionada ao nível intelectual de cada um, ou seja, avaliações adaptadas e individuais. O ato de se expressar através de elogios faz com que sua prática seja repleta de resultados positivos. A união de ferramentas deverá ser utilizada para que o profissional da educação possa se sentir amparado pedagogicamente.

CRITÉRIOS PARA UMA BOA AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA.

A avaliação, por desenvolver uma gama de planos, políticos, pedagógicos, cultural e psicológico, seja talvez não só o mais complexo dos aspectos do processo pedagógico, visto que expõe os pontos positivos e negativos seja do sistema, da escola ou da sala de aula. Isso faz com que a avaliação na educação especial tenha um foco diferenciado, as questões positivas e negativas dentro de uma avaliação deverão ser revistas, tanto como aquela atividade adaptada anteriormente. Adaptação no processo avaliativo requer discernimento profissional, modificações nas técnicas e instrumentos. A introdução de critérios específicos, a eliminação de critérios gerais, e principalmente a modificação dos critérios de promoção, ajudarão seu aluno a recuperar muitas vezes a auto estima perdida em algum momento de sua vida escolar. Pode-se dizer que, sendo potencialmente desestabilizadora, na medida em que envolve a comunicação de seus resultados os quais implicam em sucesso ou fracasso (ponto importante na educação inclusiva) dos envolvidos neste processo de avaliação, com conseqüente impacto na auto-imagem. A avaliação necessita ser compreendida e executada com razão e sensibilidade, portanto devemos salientar mais uma vez a importância da mesma ter uma aplicabilidade sustentável no processo de ensino aprendizagem, tratando-se de educação especial, adaptação curricular. Por necessitar de análises fundamentadas em conhecimentos derivados da pedagogia, os quais fornecem a base tanto para decidir se a avaliação será utilizada como instrumento de libertação ou de opressão. Neste caso para que se avalie com qualidade poderemos estar usando alguns questionamentos ao educador, tais como:

- A avaliação deverá ser desenvolvida tendo como referência as regras curriculares, os critérios utilizados em avaliações para alunos ditos normais? Ou será direcionada a cada aluno dentro de suas especificidades?
- Quais técnicas e instrumentos serão coerentes com o processo de ensino e aprendizagem, desenvolvidos nas aulas?
- Como serão elaborados os instrumentos avaliativos, partindo da idéia central de que estou trabalhando com um aluno intelectualmente especial?
- Como deverá ser realizada a correção?
- Como deverão ser demonstrados os resultados, as verificações de aprendizagem (notas, conceitos)?
- Qual a maneira mais adequada para comunicar, ao aluno, seu desempenho?

Estas decisões deverão ser coletivas, pois se resumem a um único projeto pedagógico para uma única instituição, que possuem também, componentes de decisão individual. A esse respeito, cabe um lembrete: embora haja predominância das provas como instrumento avaliativo (VIANNA, 200; RAPHAEL, 1998, entre outros), a literatura educacional e os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais insistem na necessidade de se utilizar variadas técnicas e instrumentos e são pródigos na indicação dos mesmos.
Caberá a instituição e aos seus professores saber estar dosando essas expectativas dentro da avaliação, para que esta seja coerente aos aspectos intelectuais de seus educandos. Desta forma a avaliação será adequada a cada um dos alunos na instituição inclusos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considero que este trabalho tem como principal intuito a socialização de profissionais na área da educação especial, a se adequarem para uma realidade muito próxima que é a inclusão de pessoas com necessidades intelectuais especiais no ensino regular.

A proposta para uma inclusão direcionada, voltada ao real aprendizado dos educandos que ali estão para poder desenvolver sua autonomia. Uma autonomia preciosa, que levará esse educando a realizar suas atividades futuras com igualdade social.

REFERÊNCIAS

ARANHA**,** Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da educação** / Maria Lúcia de Arruda Aranha. 2.ed.rev.e ampl. – São Paulo : Moderna. 1996.
BARBOSA, José Juvêncio.
Alfabetização e leitura
/ José Juvêncio Barbosa. – São Paulo: Cortez, 1992. – 2 . ed. Ver. – (Coleção magistério.2º grau.Série Formação do professor;v.(16)).
BRASIL, Viviane, GASPARINI,
Mônica.
Coleção Iluminuras.
Sistema Maxi de Ensino. Educação Infantil: Nível II – 1º bimestre/ Londrina: Maxiprint, 2007.130p. 22 cm. (coleção Iluminuras).1.Educação Infantil.I.Título.
BRASIL, Viviane, GASPARINI,
Mônica.
Coleção Iluminuras.
Sistema Maxi de Ensino. Educação Infantil: Nível III – 1º bimestre/ Londrina: Maxiprint, 2007.130p. 22 cm. (coleção Iluminuras).1.Educação Infantil.I.Título.
DEMO, Pedro.
Avaliação qualidade
/ Pedro Demo. – 6. ed. – Campinas, SP:Autores Associados, 1999. – (Coleção polêmicas do nosso tempo;25)
GANDIN, Danilo.
Escola e transformação social.
Petrópolis, RJ: Vozes, 1988, p. 151 a 165.
HAYDT, Regina Célia .
Curso de Didática
Geral
. São Paulo. Àtica, 1997.
MANTOAN, Maria Teresa Egler.
Inclusão escolar: o que é? por quê? Como fazer?
/Maria Teresa Egler Mantoan. – 2 ed.- São Paulo: Moderna, 2006.-(Cotidiano escolar: ação docente).
MIZUKAMI, Mª da Graça Nicoletti. Ensino:
As Abordagens do Processo
.Editora Pedagógica e Universitária. São Paulo. 1986.
MULLER, Mary Stela.
Normas e padrões para teses, dissertações e monografias
/ Mary Muller, Julce Mary Cornelsen – 5.ed.atual-Londrina : Eduel, 2003. Xvi,155p. :il.;23cm
PARPINELLI, Emília Passos.
Deficiências: famílias e prevenção
/Emília Passos Parpinelli, Londrina :Grafmam,1997.104p.il.
PILLAR, Analice Dutra.
Fazendo artes na alfabetização.
2 ed. / Analice Dutra Pillar.
Rio Grande do Sul.

Secretaria da Educação.
Fundação de Articulação e Desenvolvimento de Políticas para Pessoas Portadoras de Deficiência e Pessoas Portadoras de Altas Habilidades no RS.
Guia de Inclusão social :responsabilidade de todos. Porto Alegre: 2005.
VOIVODIC, Maria Antonieta M.A.
Inclusão escolar de crianças com Síndrome de Down.?
Maria Antonieta M.A.Voivodic – Petrópolis,RJ:Vozes, 2004.ISBN 85.326.3013-8. 1.Educação inclusiva 2.Síndrome de Down.